

## António Coutinho

(Expresso, 10 de Maio de 1997)

As áreas de dificuldade actual da biologia situam-se a nível dos sistemas. Compreender, por exemplo, como é que se pensa ou memoriza. A nível do sistema imune, como é que este faz uma discriminação entre o «self» e o «não self», entre o próprio e o estranho. Ou como é que o desenvolvimento embrionário se processa. (...)

A imunologia está praticamente resolvida porque houve uma boa teoria. Em neurociências ainda não há. Ainda o ano passado, em Cold Spring Harbour, num simpósio sobre aprendizagem, o orientador das sessões perguntou quem acreditava que a memória tinha a ver com reforço das sinapses e quem não acreditava. E a sala dividiu-se ao meio... (...)

Temos  $10^{15}$  células nossas e temos dez vezes isso de bactérias. Somos um ecossistema ambulante. Se há uma simbiose, não quer dizer que o sistema não esteja a fazer alguma coisa para que não degenere em invasão. Um doente sem sistema imune, como na sida, morre por infecção de bactérias que já lá estavam. O sistema imune normal está, de alguma maneira, a manter esse equilíbrio. (...)

A célula cancerosa, em muitos aspectos, é uma célula normal. Tem um gene que se exprime a um nível um bocadinho mais elevado e que não desliga quando deve desligar. Portanto, continua a viver. Mas, do ponto de vista da sua composição molecular, tanto quanto possa ser analisada pelo sistema imune, é uma célula como outra qualquer.

## J. Celestino da Costa

(Palestra proferida no 50º aniversário da Casa de Saúde Rainha D. Leonor, Caldas da Rainha a 2 de Março de 1997)

A fase a que chamaremos de “clínica pré-científica”, prolongou-se até quase ao final do séc. XIX. Um longo período caracterizado pela relação entre dois personagens: o doente e o médico. Tinha como objectivo o indivíduo, era por isso uma medicina personalizada. (...)

Por isso podemos afirmar que a “clínica pré-científica” era humanística no seu conceito e desígnio e era humanitária na sua acção. (...)

Anatomicamente, desde o homem das cavernas, dos egípcios e dos gregos, dos celtas, dos hunos, dos arianos e dos semitas, dos negros e dos amarelos aos brancos — temos o mesmo coração e pulmões, os mesmos rins, o mesmo fígado, os mesmos olhos e ouvidos: somos iguais desde a pré-história. (...) Mas se o bicho homem não mudou na sua essência houve uma mudança substancial, uma enorme evolução na nossa capacidade de o

analisarmos e compreendermos, quando doente (e certamente na saúde também). (...)

Na segunda metade do século XIX tudo mudou. Houve uma transformação do conceito de medicina. À vertente humanística, personalizada, ia agora acrescentar-se uma vertente científica. Esta surge com a autópsia ligada à clínica — método anátomo-clínico — e com a microscopia. (...) Por outro lado os líquidos e tecidos orgânicos foram sujeitos a uma análise química — a bioquímica. (...) A descoberta do Raios X, no final do século, constituiu uma inovação surpreendente: permitiu ver através do nosso revestimento cutâneo. (...)

Nascia desta forma uma nova concepção do homem — dum homem biológico, dotado duma matéria viva, dum estofa, igual ao dos outros animais. Noção que se contrapunha à do homem visto apenas como um ser humano. As chamadas “ciências básicas” laboratoriais ou fundamentais, rigorosas e analíticas, multidisciplinares, fizeram evoluir a “arte médica” para “ciência médica”. Surgia assim, importante dicotomia na medicina: entre clínicos e biólogos. (...) Os anos 80 vieram uma revolução dos conhecimentos médicos. (...)

Uma nova metodologia, a que se chamou imagiologia (...) surgiu (...) Essa tecnologia, inócua e cómoda, que pode ser repetida sem perigo nem incómodo, permite, no indivíduo vivo, analisar estruturas e órgãos. (...) Contudo, os aparelhos, as máquinas, que se utilizam no diagnóstico (...) não conhecem o indivíduo nem a sua vivência. “As máquinas não têm sentimentos”. É uma medicina desumanizada. (...) Desta forma houve uma dupla transformação: o doente em “objecto de análise” e o médico em “técnico”. Os “novos especialistas” — os médicos técnicos — movem-se hoje em formas de acção imprevisíveis não há muitos anos. Particularmente a distinção clássica entre médicos e cirurgiões esbate-se progressivamente. Como gosto de dizer: “os médicos passaram a trabalhar mais com as mãos e os cirurgiões mais com a cabeça”. A medicina clínica é hoje médico-cirúrgica, como acção especializada e é imagiológica como diagnóstico.

## Daniel Serrão

(Rev Port Psicanálise 1996, nº15:17)

Começa hoje a ser muito claro que a forma corporal do homem actual é produto de adaptações sucessivas que permitiram aos pré-hominídeos sobreviver a profundas modificações do ecossistema envolvente. Depois da brutal hecatombe do Pré-Câmbio, um genocídio natural medonho que abriu o caminho para a bio-diversidade, depois da saída dos vermes anelídeos das lamas marginais, uns para o meio aquático, outros para um vida dupla aquática e aérea, outros para a vida terrestre

e aérea, todos gerando estruturas de protecção contra a violência da radiação solar (...) a biosfera enriqueceu-se com inúmeras espécies vegetais e animais, adaptadas umas, em adaptação a maior parte.

Há 5 milhões de anos a linha dos Hominídeos separou-se da dos Chimpanzés; e os australopitecos, já com estrutura familiar nuclear, muitos filhos, divisão de tarefas e partilha de comida, viveram em paz até aprenderem a cortar pedra e a servir-se dela. Nestes habilitados moldou-se o Homo erectus, um bípede andarilho e curioso, com bom ouvido e boa vista para compensar a fraca corrida (...)

Este andarilho constante era curioso. (...) Quero dizer com isto que ele dispunha de um sistema de conhecimento do que lhe era exterior — o sistema nervoso sensorial: (...) este sistema recebe estímulos, transforma-os em aferências rapidamente conduzidas a uma central, semelhante ao nosso tronco cerebral actual com a medula espinal, e executa respostas mediadas pelos neurónios motores e pela inervação autónoma. (...) Mas dispunha também de

uma outra capacidade, já menos difundida nos seres da biosfera que era a de memorizar as aferências recebidas e de as arquivar e hierarquizar (...); esta capacidade é executada pelas estruturas suprabulbares e pelos núcleos talâmicos e supra-talâmicos. Então, a curiosidade de ver, ouvir e cheirar, potenciada por olhos, ouvidos e câmara nasoesmoidea (...) passou a ser recompensada, positiva ou negativamente, tornando progressivamente mais rápidas e mais perfeitas as decisões.

Não ficou por aqui o aperfeiçoamento adaptativo nos hominídeos. Este sistema nervoso de reconhecimento do mundo exterior, (...) estimulado por aferências progressivamente mais complexas e mais ricas de informação, adquire a capacidade de construir uma representação ordenada do mundo exterior, *qualitativa*, orientada por valores elementares de sobrevivência. (...) A partir deste patamar que ocorreu há 200 mil anos vai dar-se a evolução para a inteligência reflexiva ou inteligência moderna actual tal como ela tem florescido nos últimos 50 mil anos.